

Paper do NAEA

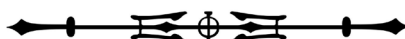
Volume 1, Número 3, Edição/Série 490

O quilombo Saco das Almas: possibilidades turísticas e desenvolvimento sustentável

Daciléia Lima Ferreira¹

Conceição de Maria Belfort de Carvalho²

Josenildo Campos Brussio³



RESUMO

O presente trabalho aborda alguns relatos de experiência a partir da observação de possibilidades turísticas para o quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA, após algumas atividades de campo realizadas pelo GEPEMADEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura) no quilombo, nos dias 12/04/19 e 18/05/19. O trabalho tem por objetivo demonstrar as possibilidades turísticas que o quilombo Saco das Almas possui, mas que até o presente momento não são exploradas por falta de apoio e investimentos da comunidade. Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa bibliográfica e exploratória, visto que analisamos os relatórios das visitas dos pesquisadores do GEPEMADEC. A atividade realizada por eles caracterizou-se por uma atividade de campo, com o desenvolvimento de minicursos e oficinas. Como resultados, entendemos que o olhar científico para alguns aspectos culturais do quilombo (lendas, culinária, artesanato, danças) pode nos ajudar a pensar um planejamento turístico específico para o quilombo Saco das Almas, com base em turismo rural, sustentável e participativo para a comunidade em geral.

Palavras-chave: Quilombo. Saco das Almas. Turismo. Cultura. Sustentabilidade.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCULT) da Universidade Federal do Maranhão, Linha de Pesquisa 2: Cultura, Educação e Tecnologia. Pesquisadora do GEPPAC (Grupo de estudos e Pesquisas em Patrimônio Cultural), do PGCULT (Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade), da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e do GEPEMADEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura) da Universidade Federal do Maranhão, Campus de São Bernardo. E-mail: limadacileia@gmail.com.

2 Professora da Universidade Federal do Maranhão. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (Nível Mestrado – Linha 2: Cultura, Educação e Tecnologia). E-mail: cbelfort@globobr.com.

3 Professor Associado I do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da UFMA/Campus de São Bernardo. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura (GEPEMADEC), na linha de pesquisa 1: "Imaginário, cultura e meio ambiente" e do LEI (Laboratório de Estudos do Imaginário). E-mail: josenildobrussio@gmail.com.

ABSTRACT

The present work addresses some experience reports based on the observation of tourist possibilities for the quilombo Saco das Almas, in Brejo / MA, after some field activities carried out by GEPEMADEC (Group of Studies and Research in Environment, Development and Culture) in quilombo, on 12/04/19 and 18/05/19. The work aims to demonstrate the tourist possibilities that the Quilombo Saco das Almas has, but that until now are not explored due to lack of support and investments from the community. Methodologically, it was a bibliographic and exploratory research, since we analyzed the reports of visits by researchers from GEPEMADEC. The activity carried out by them was characterized by a field activity, with the development of short courses and workshops. As a result, we understand that the scientific look at some cultural aspects of the quilombo (legends, cuisine, handicrafts, dances) can help us to think about a specific tourism planning for the Saco das Almas quilombo, based on rural, sustainable and participatory tourism for the community in general.

Keywords: Quilombo. Saco das Almas. Tourism. Culture. Sustainability.

.

INTRODUÇÃO

As atividades que serviram de ponto de partida para a construção desta investigação integram o conjunto de ações metodológicas de dois projetos desenvolvidos pelo GEPEMADEC⁴: o projeto de pesquisa “IMPLEMENTAÇÃO COOPERATIVA E VALORIZAÇÃO DA CULINÁRIA DO QUILOMBO SACO DAS ALMAS, EM BREJO/MA” e o projeto de extensão “CIPROQUI – Criação e Inovação de produtos quilombolas”, ambos com atuação no quilombo saco das Almas, em Brejo/MA.

O Quilombo Saco das almas é um dos territórios quilombolas mais pesquisados⁵ do Baixo Parnaíba Maranhense, além de ser o maior da região – 24.104 hectares. A comunidade recebe pesquisadores há muitos anos, no entanto, uma das maiores reclamações dos quilombolas é que aqueles não voltam com o resultado ou não divulgam as pesquisas de forma que possam-se obter retornos positivos para os mesmos. Há relatos de Dona Dudu⁶ de que “uma vez colhidos as informações, o pesquisador nunca retorna à comunidade” (DUDU apud FERREIRA, 2018).

O Quilombo Saco das Almas pertence ao município de Brejo/MA, centrado na região do Baixo Parnaíba Maranhense e possui sete comunidades⁷. Por ser muito extenso o quilombo Saco das Almas, nesta pesquisa, utilizaremos a principal comunidade como objeto de estudo: a Vila das Almas, por ser o núcleo comunitário do quilombo. O Quilombo ainda não possui a titularidade da terra, mas já possui o título de remanescente de comunidades quilombolas, concedido pela Fundação Palmares, desde 15 de julho de 2005 (FERREIRA, 2018, p. 67).

Assim, o presente trabalho tem por objetivo demonstrar as possibilidades turísticas que o quilombo Saco das Almas possui, mas que até o presente momento não são exploradas por falta de apoio e investimentos da comunidade. Dividimos o presente texto em três seções: na primeira, trazemos a metodologia, na qual destacamos de forma sucinta a realização dos dois dias de atividades realizadas pelo GEPEMADEC no quilombo; na segunda seção, apontamos as principais práticas culturais da Vila das Almas e suas possibilidades turísticas; na última seção, destacamos o TBC (Turismo de Base Comunitária) e a sustentabilidade

4 Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura. O Ato de Criação do GEPEMADEC se deu no 24 de setembro de 2014, conforme consta na Ata do Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Sociologia, da UFMA, Campus de São Bernardo, da mesma data. O Grupo foi criado sob a Coordenação do professor Dr. Josenildo Campos Brussio, coordenador da linha de pesquisa *Imaginário, Cultura e Meio Ambiente*, com a colaboração dos professores Dr. Thiago Pereira Lima e Ms. Karine Martins Sobral, sendo o primeiro coordenador da linha de pesquisa *Desenvolvimento, Meio Ambiente e Políticas Públicas*. Atualmente, o grupo conta com nove professores pesquisadores, incluindo mais seis doutores, Dra. Helena Maria de Castro, Dra. Maira Teresa Rocha, Dra. Sylvana Kelly Marques da Silva, Dra. Tatiana Colasante, Dr. Fabrício Tavares de Moraes e Dr. Mateus de Sá Barreto Barros.

5 Foram encontradas cerca de duas dissertações de mestrado na plataforma sucupira e há registros de um livro publicado e quatro monografias sobre o quilombo Saco das Almas, no Campus da UFMA de São Bernardo. Acreditamos que haja mais registros em outras instituições como a UEMA.

6 Maria Luduvica Costa Pereira (vulgo Dudu), sobrinha do Seu Claro Patrício (líder mais antigo do Quilombo Saco das Almas ainda vivo). Dona Dudu é líder da Vila das Almas, uma das sete comunidades do Quilombo Saco das Almas. É também uma das principais representantes do Quilombo, pois geralmente, quando se precisam reunir as sete comunidades, a organização da pauta e condução das reuniões fica ao encargo dela.

7 O Quilombo Saco das Almas é constituído de sete comunidades quilombolas: Vila das Almas, Vila Crioli, São Raimundo, (Brejo), Santa Cruz, Barroão (Buriti), São José e Pitombeiras. Sendo que atualmente, a comunidade Santa Cruz solicitou emancipação do grupo, constituindo assim uma comunidade independente.

como diálogos possíveis com o quilombo Saco das Almas e, por fim, apresentamos as considerações finais do texto.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica e exploratória, visto que analisamos os relatórios das visitas dos pesquisadores do GEPEMADEC. A atividade se caracterizou como uma atividade de campo, com o desenvolvimento de minicursos e oficinas. As atividades realizadas no dia 12/04/19 se iniciaram com a apresentação da equipe executora da atividade, dos representantes da comunidade quilombola (diretor da escola, funcionários, professores) e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brejo (representantes – Dona Dudu, líder do quilombo Saco das Almas).

Em seguida, houve uma breve exposição dos projetos de pesquisa e extensão sobre o Quilombo Saco das Almas nos anos de 2015 a 2019. Continuando o cronograma, foram apresentados os projetos de pesquisa e extensão dos professores Josenildo Brussio, Sylvana Marques e Tatiana Colasante. E finalizamos as atividades da manhã com uma audiência com os moradores da Vila das Almas, na qual os quilombolas puderam fazer a exposição de problemas, situações, angústias, sonhos e desejos da comunidade em relação às expectativas de ajudas e parcerias para o desenvolvimento socioeconômico. Foi nesta audiência que percebemos a urgência em colaborar com o desenvolvimento da economia criativa e possibilidades de um TBC com sustentabilidade.

Em seguida, foi realizada uma oficina “O poder do círculo no Tambor de Crioula”, ministrada pelo professor Josenildo Campos Brussio e Rosenilde Rodrigues Ferreira, agente cultural e pesquisadora sobre o tambor de crioula no Maranhão. Durante a oficina contamos com a participação especial dos integrantes do Tambor de Crioula da Vila das Almas. Foi um momento de grande compartilhamento e trocas de conhecimentos. A professora Rosenilde destacou as diferentes manifestações do tambor de crioula no Maranhão, afirmando que no Baixo Parnaíba Maranhense estes estudos estão sendo realizados com maior profundidade recentemente.

Após o almoço, retomamos as atividades com a exibição do filme: “De baixo para cima”, do professor Dr. Jonathan Warren, apresentado pela professora Dra. Sylvana Kelly Marques da Silva. Em seguida, realizamos um passeio pelo quilombo Saco das Almas, visitando locais importantes para a comunidade: o posto de saúde, a Escola Estadual, a Igreja Católica, o Cemitério da Saco das Almas (para conhecer o túmulo de João Velho) e a comunidade de Santa Cruz (para conhecer o casarão colonial e as ruínas da senzala).

As atividades realizadas no dia 18/05/19 foram iniciadas com o minicurso “Comunidade, Identidade e Memória”, ministrado pelos professores Dr. Josenildo Campos Brussio e Dr^a. Sylvana Kelly Marques da Silva, logo após, houve a realização de uma atividade de recreação “Dinâmicas de trabalho em grupo”, sob a coordenação dos discentes Breno e Tamires do curso de Turismo, do Campus de São Bernardo, e uma oficina de roda de leitura, ministrada pelos professores Dr. Fabricio Tavares de Moraes e Dr^a. Tatiana Colasante.

Na parte da tarde, realizamos um passeio pelo quilombo Saco das Almas, percorrendo os mesmos locais citados na visita do dia 12/04/2019 e retornamos ao Campus de São Bernardo da UFMA. Todas estas atividades foram de grande importância para o desenvolvimento dos dois projetos de pesquisa e um de extensão, em andamento, sob a coordenação do

professor Josenildo Campos Brussio: “IMPLEMENTAÇÃO COOPERATIVA E VALORIZAÇÃO DA CULINÁRIA DO QUILOMBO SACO DAS ALMAS, EM BREJO/MA” (FAPEMA), “IMAGINÁRIO E PATRIMÔNIO DO SACO DAS ALMAS: possibilidades de salvaguarda das tradições quilombolas” (PIBIC) e “CIPROQUI – Criação e Inovação de produtos quilombolas” (PROEC), ambos com atuação no quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA

Os relatos de experiências deste artigo foram extraídos dos relatórios das duas atividades executadas pelo GEPEMADEC nos dias 12/04/2019 e 18/05/2019. As informações contidas nos relatórios foram cruciais para pensarmos esta proposta de investigação científica. As atividades ajudaram a despertar o sentimento de pertencimento dos jovens quilombolas que participaram das dinâmicas. Foi muito gratificante para os pesquisadores vislumbrar as contribuições que os jovens relataram em seus depoimentos pessoais.

Após a análise dos relatórios dos pesquisadores do GEPEMADEC, observamos que existem diversos elementos culturais no quilombo que podem servir de base para o desenvolvimento de um turismo cultural ou de tradições.

PRÁTICAS CULTURAIS DO SACO DAS ALMAS E SUAS POSSIBILIDADES TURÍSTICAS

Desde 2005, o quilombo Saco das Almas recebeu a titulação de reconhecimento pela Fundação Palmares⁸. Em 2001, a pesquisadora Genny Ayres publicou a primeira dissertação de mestrado sobre o quilombo Saco das Almas. Foi um trabalho de muito fôlego, depois de anos de atividades na comunidade que se concretizaram na dissertação *Pretos, pardos e agregados em Saco das Almas*, que serviu de base para a instrução do processo de solicitação da posse da terra perante o INCRA e elaboração do RTID, no ano de 2009.

O estudo da professora Genny Ayres, que foi aluna do Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão e orientada da professora Dr^a Maristela de Paula Andrade, serviu como base de informações para a construção do RTID do quilombo Saco das Almas (ver anexo 2). O documento, em anexo, é o encaminhamento da referida dissertação à Coordenação Geral de Regularização de Terras Quilombolas sobre a possibilidade de utilização e adequação do referido estudo à Instrução Normativa 49, visando compor o RTID da comunidade quilombola Saco das Almas, pertencente ao município de Brejo, Estado do Maranhão. A data do documento consta como 22 de maio de 2009 (FERREIRA, 2018, p. 67 – 68).

Ao longo destes anos, a comunidade tem realizado diversas atividades que asseguram e refletem as suas identidades como quilombolas. São algumas dessas práticas culturais que destacaremos agora: a culinária, o artesanato, as danças tradicionais, as lendas e as festas e festejos.

Na lista de exposição da culinária típica do quilombo destacamos: 1 - o “cabeça de galo” que é uma espécie de tempero preparado com sal, pimenta e outras especiarias para comer

⁸ De acordo com a Lei nº 7668/1988 A criação da Fundação Palmares, em 1988, teve como fito “promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira”.

com o peixe; 2 - o “mingau de farinha” que, segundo Dona Dudu, também era chamado de capão sem osso, “nele é colocado temperos verde e tempero seco fazendo o mingau, rapaz se você tivesse fraco chega suave só de forte que é. Era só a farinha misturada com tempero, mais ficava muito gostoso” (dona Dudu); 3 - o “ximbéu”⁹ que leva limão, pimenta, farinha, água e sal; 4 - a “moqueca”, feita com peixe bem pequeno, pescado no riacho do quilombo depois é colocado sal a gosto, corta tempero verde, pimenta de cheiro e depois de temperado é colocada na folha da bananeira enrolada e amarrada com a fibra do buriti, logo após é levado para cozinhar debaixo do chão. Como antigamente se usava o fogo a lenha, era feito um buraco no chão e colocava o peixe envolvido na folha da bananeira dentro e depois cobria-se com areia e as brasas da lenha e o peixe ficava cozendo na temperatura das brasas enterrado (figura 1); 5 - a “Mambeca” que é o feijão bem verde cozido com a casca; 6 - “paçoca de gergelim”, que é o gergelim torrado e socado no pilão com açúcar ou rapadura e farinha; 7 - “paçoca de coco babaçu”, que é o coco babaçu torrado e socado no pilão com farinha e 8 - “gongo assado e frito” que é uma larva encontrada no coco babaçu, enfiado no espeto e levado ao fogo. Na exposição é explicado detalhadamente que todos esses alimentos um dia já foram a base alimentar dos remanescentes mais antigos da comunidade.

Figura 1 – Moqueca da Saco das Almas



Fonte: LEI (Laboratório de Estudos do Imaginário)¹⁰, 2020.

9 Aqui no Baixo Parnaíba Maranhense chama-se “ximbéu”, já na Baixada Maranhense denomina-se “chibéu ou chibé”; trata-se das variações linguísticas muito presentes no Estado do Maranhão.

10 O Laboratório de Estudos do Imaginário (LEI) foi criado em fevereiro de 2019, com o objetivo de desenvolver de forma mais específica, integrada e direcionada as atividades de pesquisa e extensão da Linha de Pesquisa (Imaginário, Cultura e Desenvolvimento) do GEPEMADEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura) do Campus da UFMA de São Bernardo, de forma contribuir com suas pesquisas para o desenvolvimento da região do Baixo Parnaíba Maranhense. O LEI é coordenado pelo professor Dr. Josenildo Campos Brussio, em colaboração com os professores Dr^a. Sylvana Kelly Marques da Silva, Dr^a Tatiana Colasante, Dr. Fabrício Tavares de Moraes, Dr. Mateus de Sá Barreto Barros e Dr. Thiago Pereira Lima.

Na figura acima, temos a foto da moqueca, um dos pratos típicos mais consumidos pelos quilombolas, caracteristicamente rústico no preparo, uma vez que todos os ingredientes utilizados e o modo de preparo são provenientes da natureza. O único trabalho do preparo do prato é a pescaria da cirina¹¹, mas que para muitos quilombolas é uma verdadeira diversão. O processo de cocção da moqueca é um diferencial que confere um gosto especial ao prato, porque é feito debaixo da terra. Depois que se desenterra o produto para desenrolar as folhas de bananeira, o cheiro que exala no ambiente é muito bom. Fazem a moqueca sempre que sentem saudade de comê-la. Estas comidas são consideradas pratos típicos do quilombo porque carregam uma herança cultural da tradição culinária passada geração após geração e representam marcas identitárias (HALL, 2006) muito presentes nas memórias e narrativas orais relatadas pelos moradores da Vila das Almas em nossas pesquisas de campo.

Figura 2 – Comidas durante a noite do tambor de crioula da Vila das Almas



Fonte: LEI (Laboratório de Estudos do Imaginário), 2020.

¹¹ “Cirina” é a denominação que os quilombolas atribuem aos peixes pequenos pescados nos riachos do quilombo. São peixes do tipo: pataca, cará, piau, tilápia, cachimbo. Também é muito comum encontrarem piranhas, siris e camarões de água-doce juntos aos peixes, nas peneiras de pesca.

Não podemos deixar de apontar a forte relação entre homem e natureza presentes na produção de um prato típico como a moqueca. Veja-se na figura acima a quantidade de elementos oferecidos pelo meio ambiente (natureza) para a composição do prato: folha da bananeira, cirina, camarão do riacho, siri do riacho; além do outros elementos da natureza que não aparecem na figura 1, como a madeira (lenha da fogueira), o próprio riacho (onde se pesca a cirina), a peneira para pescar (feita de talo de buriti), o cofo de palha (para transportar os peixes), entre outros ingredientes e instrumentos utilizados.

No dia-a-dia, os alimentos consumidos são mais comuns à mesa do nordestino: arroz, feijão, farinha e uma carne ou frango ou peixe. Mas, ainda assim, as comidas cotidianas trazem sabores marcantes decorrentes dos temperos especiais utilizados com frequência pelos quilombolas, principalmente, nos pratos típicos.

É importante salientar que nos períodos de festas e festejos do quilombo Saco das Almas, as barracas de comidas são uma grande atração a parte: lasanhas, Maria Izabel, creme de galinha, caldo de ovos, mingau de milho, farofas, bolos, pudins, baião-de-dois, pastéis, entre outras iguarias.

Outra produção cultural muito importante na Saco das Almas é o artesanato, que se apresenta de maneira bem diversificada: têm-se as bio-joias ou bio-bijouterias¹², feitas de babaçu, buriti, embiras, sapucaias, entre outros materiais da natureza; bordados e crochês; e garrafas decoradas com linhas e lãs. Também tem artistas plásticos que fazem pinturas em capembas¹³ da palmeira do babaçu e telhas, além da produção de mini-tambores com sapucaias e couro de boi.

Um aspecto importante do artesanato da Vila das Almas é a preocupação em produzir arte com produtos da natureza e que visem à sustentabilidade. É o que ocorre com as garrafas que são destacadas na comunidade e uma vez recolhidas de forma adequada, são tratadas e manufaturadas em objetos de arte decorativos, assim como, as capembas de coco babaçu que, geralmente, são tidas como material para decomposição e adubo das próprias palmeiras, tornam-se belas pinturas para serem exibidas nas paredes dos admiradores.

Outro tipo de artesanato produzido na comunidade é o crochê com varandas, centros de mesa, panos de crochê para estante, borda de toalha, borda de guardanapo para cozinhas entres outros. Algumas artesãs do quilombo desenvolvem o bordado em ponto cruz que é feito no tecido próprio para esse tipo de bordado que é todo furadinho, agulha sem ponta e linhas geralmente *cléa* e *anne*, também são várias estampas a gosto do cliente, a exemplo: nome de pessoas, ramos de flores ou flores individuais.

12 Os termos bio-joias ou bio-bijouterias são muito empregados no setor do design e tecnologia. Na UFMA (Universidade Federal do Maranhão), o Curso de Design desenvolve diversos projetos de extensão comunitários com a produção de bio-joias ou bio-bijouterias: “Os produtos fazem uso principalmente de materiais naturais: sementes, fibras, couro, pedras, pigmentos naturais, resíduos de madeiras e cerâmica. Os materiais e a vitrificação destacam detalhes que valorizam a tradição e a cultura local: fibras, azulejos, tambor de crioula, bumba-meu-boi, reggae e danças afro. São confeccionados colares modelos que servem de referência para a produção de outros, são os chamados protótipos” (UFMA, 2011).

13 Segundo o dicionário Priberam (2020), capemba é “uma folha larga e consistente que se desprende do mangará de algumas palmeiras”.

Figura 3 – Artesanato da Vila das Almas (capembas, crochês, garrafas decoradas, bio-joias e bio-joutherias)



Fonte: LEI (Laboratório de Estudos do Imaginário), 2020.

No quilombo, geralmente, ocorrem apresentações do Tambor de Crioula da Vila das Almas, todavia, muito da cultura quilombola do Saco das Almas já se perdeu porque o conhecimento não foi passado, como o Tambor de Minas, que poucos tinham o dom e o conhecimento de como funcionava e não houve a preocupação em perpetuar para que a cultura continuasse (DUDU, 2017).

Mas com o desejo de não deixar que a cultura tão rica do quilombo se perdesse, ainda existe o tambor de crioula que tem a participação dos jovens da comunidade no incentivo da continuidade da cultura. O grupo do tambor de crioula faz apresentações nos eventos do próprio quilombo e fora da comunidade, inclusive, algumas vezes já se apresentaram no Campus da UFMA de São Bernardo/MA.

Figura 4 – Tambor de crioula da Saco das Almas



Fonte: LEI (Laboratório de Estudos do Imaginário), 2019.

Além do tambor de crioula, que “carrega um simbolismo muito forte com o sagrado e o profano das religiões de matriz africana no Maranhão”¹⁴ (FERREIRA, CARVALHO, BRUSSIO, 2020), a Vila das Almas também apresenta outras manifestações de danças tradicionais de suma importância para a comunidade como as quadrilhas (destaque-se a quadrilha Nova Geração) e o Bumba-meu-boi da Saco das Almas.

No quesito lendas, não poderíamos deixar de falar da Lenda de João Velho, umas das narrativas mais antigas e latentes nas memórias dos moradores da Saco das Almas.

João Velho é respeitado pelo seu poder de atender as promessas feitas pelos quilombolas em função de terem de volta algum objeto perdido. Seu Jorge Ricardo nos contou que quando uma pessoa perde um porco, bode, carneiro, anel, brinco, chave ou qualquer objeto é só pedir para João Velho dizendo: “João Velho, me ajuda a achar tal coisa que eu te dou um litro de cachaça”, e o objeto não demora aparecer, pode ser no mesmo dia ou dias depois.

Para muitos quilombolas, João Velho é mais que uma lenda, é um verdadeiro santo milagreiro, visto que de pedidos pequenos como nos exemplos da citação acima, passou a realizar feitos grandiosos como pedidos de promessas e viagens em segurança. Assim ocorreu com a líder da Vila das Almas, em 2019, quando pediu graças a João Velho por uma viagem realizada a Brasília para participar da Marcha das Margaridas. Foi e voltou bem! Pagou a promessa com a cachaça e o tambor de crioula!

Como se vê, a comunidade da Vila das Almas oferece um repertório diversificado de produtos culturais que possibilitam o desenvolvimento de um turismo de base comunitária no quilombo. A própria comunidade reconhece os valores culturais que possui. Isto já é um grande ganho: autorreconhecimento que está diretamente relacionado às identidades culturais dos quilombolas.

Entendemos que o patrimônio cultural da Vila das Almas deva ser inventariado e catalogado como forma de preservação e manutenção das tradições culturais da comunidade. Com a chegada do Curso de Turismo no Campus da UFMA de São Bernardo será possível desenvolver esse inventário correlacionado aos projetos de pesquisa que estão em desenvolvimento no momento.

O Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui o registro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, compreende o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro como os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam (CASTRO & FONSECA, 2008).

O quilombo Saco das Almas apresenta potencial cultural turístico tanto no plano material quanto no imaterial. Para Brayner (2007, p. 12), o patrimônio cultural “é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres e expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo”.

14 Vale ressaltar que o tambor de crioula da Vila das Almas possui algumas variações em relação a outros grupos de tambor de crioula no Maranhão. Por exemplo, há uma preferência por dançar em terreiros de terra batida, descalços. Raramente, utilizam a umbigada nos círculos, mas fazem a reverência aos tambozeiros.

Dias (2006) categoriza o patrimônio cultural em patrimônio material e patrimônio imaterial: o primeiro, constituído por construções antigas, ferramentas, objetos pessoais, vestimentas, museus, cidades históricas, patrimônio arqueológico e paleontológico, jardins, edifícios militares e religiosos, cerâmica, esculturas, monumentos, documentos instrumentos musicais e outros objetos que representam a capacidade de adaptação do ser humano ao seu meio ambiente e a forma de organização da vida social, política e cultural. O segundo, formado por todos aqueles conhecimentos transmitidos, como as tradições orais, a língua, a música, as danças, o teatro, os costumes, as festas, as crenças, o conhecimento, os ofícios e técnicas antigas, a medicina tradicional a herança histórica entre outros.

O quilombo Saco das Almas tem muito a oferecer neste quesito e são diversas as modalidades de patrimônio material e imaterial que podem ser catalogados e inventariados. Mas entendemos que pelo fato de ainda não ocorrerem atividades turísticas na comunidade, o modelo de formulário de inventário disponibilizado pelo IPHAN provavelmente não atenderá as potencialidades do quilombo, o que acarretará uma necessidade de adaptação, obviamente, sob a supervisão e parceria das secretarias de turismo estadual e municipal.

Na próxima seção, apontaremos as possibilidade de um turismo de base comunitária na Vila das Almas alicerçado na sustentabilidade e em um planejamento turístico que utiliza a economia criativa como base para o desenvolvimento do TBC.

TBC E SUSTENTABILIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS COM O QUILOMBO SACO DAS ALMAS

Entendemos que o olhar científico para esses aspectos culturais do quilombo (lendas, culinária, artesanato, danças) pode nos ajudar a pensar um planejamento turístico específico para o quilombo Saco das Almas, com base em um turismo rural, sustentável e participativo para a comunidade em geral.

Um dos cerne para uma proposta de desenvolvimento de turismo local em comunidades quilombolas como o Saco das Almas propõe que os planos de ação precisam estar centrados nos recursos endógenos da comunidade. A literatura ressalta seu potencial de promover a conservação ambiental, a valorização da identidade cultural e a geração de benefícios para as comunidades receptoras (FABRINO, NASCIMENTO, COSTA, 2016, p. 173).

Na seção anterior, ficou demonstrado o quanto a comunidade quilombola se vê envolvida no processo de produção cultural com a valorização das representações e marcas identitárias do seu patrimônio cultural. Segundo Costa (2013), o TBC é “um modelo de desenvolvimento turístico centrado nos recursos (humanos, naturais e de infraestrutura) endógenos de determinada localidade” (p. 174).

Dessa maneira, é extremamente importante que as comunidades estejam presentes no processo de gestão e oferta de bens e serviços turísticos para a geração de renda para a própria comunidade. Por isso, um dos critérios mais importantes para se categorizar o TBC é a questão da dominialidade, pois é esse elemento-chave que garante os direitos de propriedade da comunidade e assegura uma reserva de mercado em favor da comunidade, na qual garante que a geração de renda favoreça a própria comunidade local e a insira no desenvolvimento da cadeia produtiva do turismo.

Assim, o TBC não nasce em comunidade do nada. É necessária toda uma organização da cadeia produtiva local de forma coletiva e estruturada para que atividades ocorram de maneira eficiente.

A Organização Comunitária também representa um elemento constitutivo do turismo comunitário. Não há um modelo predeterminado para essa organização (forma e gestão), mas ela deve estar presente como uma representação legal dentro da própria comunidade e na sua interação com o ambiente externo (COSTA, 2013, p. 187).

Nos últimos três anos de pesquisa na Vila das Almas, temos observado uma preocupação da comunidade em melhorar o acolhimento dos turistas (ou pessoas de fora da comunidade). Inclusive, no aspecto físico do quilombo, com a limpeza das ruas, do cemitério, onde fica o túmulo de João Velho, com a conservação de objetos e bens patrimoniais de importância cultural para a comunidade.

Também constatamos um cuidado maior com a preservação dos recursos naturais (preservação das margens do riacho que corta o quilombo) e uma preocupação com a iminente invasão do gaúchos nas terras do Saco das Almas, que tem desmatado nas proximidades da comunidade áreas de nascentes dos riachos da chapada, afetando acentuadamente a fauna e flora da região.

Após a análise dos relatórios dos pesquisadores do GEPEMADEC, observamos que existem diversos elementos culturais no quilombo que podem servir de base para o desenvolvimento de um turismo cultural ou de tradições.

Um dos primeiros pontos culturais que nos chamou a atenção foi o grande interesse dos visitantes-pesquisadores em conhecer o “túmulo de João Velho”, que fica localizado no cemitério da comunidade da Saco das Almas. A história de João Velho tem provocado a curiosidade das pessoas que visitam o quilombo em razão dos resultados alcançados por este “santo milagroso” da comunidade, que já virou “lenda” na região.

Os moradores do quilombo Saco das Almas possuem um respeito e devoção a João Velho, isso é constatado a partir da quantidade de garrafas posta em volta de seu túmulo, o que configura parcialmente a quantidade de pedidos atendidos, visto que cada garrafa corresponde a um pedido realizado.

Fato que implica em preocupações ambientais, visto que muitas garrafas ficam expostas, às vezes de forma desorganizada, mesmo sabendo que a comunidade se responsabiliza por fazer uma limpeza periodicamente e aproveitam para fazer uma organização nas garrafas, mas sem um padrão e suporte para que as garrafas não se tornem um risco para a comunidade, como por exemplo, acúmulo de água, tornando-se lugares propícios para proliferação de mosquitos transmissores de doenças (dengue, zika, chikungunya, febre amarela, entre outras), principalmente, no período do inverno, a época de muitas chuvas.

As garrafas, como já dissemos, também são matérias-primas do artesanato do quilombo. Existem artesãs que produzem garrafas decoradas (figura 2), portanto, com a devida orientação e organização da comunidade, é possível se realizar um trabalho de economia criativa com sustentabilidade em que se respeitem as crenças, práticas e tradições dos moradores do quilombo. Ou seja, assim como muitas garrafas são colocadas no túmulo de João Velho em razão das graças alcançadas, boa parte destas garrafas podem ser utilizadas na cadeia produtiva das artesãs. E as garrafas que restarem no túmulo, podem passar por uma organização mais estrutural e estética que garanta uma segurança sanitária para a comunidade.

Por outro lado, essa preocupação ambiental esbarra em um ponto crucial muito caro aos antropólogos: como alterar ou mexer nas práticas culturais da comunidade, visto que depositar as garrafas no túmulo de João Velho são práticas realizadas pelos quilombolas há muito tempo? São preocupações que nos afligem como pesquisadores, mas a intervenção é necessária, visto que a vida e, obviamente, a saúde vêm em primeiro lugar. Os riscos de a desorganização das garrafas causarem doenças na comunidade, principalmente, no inverno, é iminente.

Nesse sentido, os pesquisadores do GEPEMADEC, estão desenvolvendo projetos de extensão¹⁵ que estão investigando formas de amenizar essas implicações que ferem diretamente os cuidados com a saúde da comunidade, sem causar maiores danos à cultura dos quilombolas, como a sugestão de uma construção de um suporte de madeira em volta do túmulo para que as garrafas possam ser encaixadas com a boca para baixo, assim impedido que água entre nas garrafas e se acumule. Obviamente, a proposta será apresentada a comunidade para que após análise e discussão, chegue-se ao veredicto se será aceito ou não por eles.

No que diz respeito ao Turismo de Base Comunitária e sua relação com a sustentabilidade, vale destacar que o próprio TBC já surge em forte correlação com o meio ambiente. Seus processos de interação entre o homem e natureza são o maior atrativo nesta modalidade turística:

TBC incorpora características do turismo sustentável, apoiado em princípios e valores éticos. Embora defenda uma nova maneira de fazer turismo, esse fato não o torna sustentável, a sustentabilidade não é uma característica inerente, mas um objetivo a ser alcançado. O TBC tem nas atividades tradicionais o seu principal atrativo, alicerçando o seu desenvolvimento (GRACIANO & HOLANDA, 2020, p. 5).

Interessante observar na citação acima que a sustentabilidade não é uma característica do TBC, mas um objetivo a ser alcançado. Este aspecto do TBC – a sustentabilidade – é uma dinâmica que permeia todo o processo da cadeia produtiva da comunidade, principalmente, quando se fala das possibilidades turísticas e de economia criativa da Vila das Almas, uma vez que a maioria dos produtos culturais do quilombo são oriundos de fontes materiais da natureza.

A relação homem e natureza no quilombo Saco das Almas é muito forte. Este aspecto pode ser percebido em outro elemento cultural de destaque e que chama bastante atenção das pessoas que visitam a comunidade: os alimentos típicos. No artigo *A CULINÁRIA DO QUILOMBO SACO DAS ALMAS: perdas e danos do patrimônio cultural*, de Ferreira et al (2019), foram catalogados nove pratos típicos da culinária do quilombo: moqueca, ximbéu, mambeca, cabeça de galo, mingau de farinha, paçoca de gergelim, paçoca de coco de babaçu, gongo frito e gongo assado. Além disso, em outro texto, Dona Dudu cita outras atividades que faziam parte do capital cultural da comunidade: “a roça, a pesca e o coco de babaçu faziam parte da tradição alimentar da nossa comunidade” (FERREIRA, 2018, p. 47).

No artigo, foi apresentada a culinária do quilombo Saco das Almas, através da descrição e modo de preparo de cada prato típico da comunidade. Discutimos a noção de pertencimento dessa comunidade no processo de construção da identidade quilombola, destacando alguns costumes que estão diretamente relacionados às práticas culinárias fortemente representadas pelo alimento produzido no cultivo da terra.

¹⁵ Vale citar o CIPROQUI (Criação e Inovação de Produtos Quilombolas), projeto de extensão (PROEC), sob a coordenação do professor Dr. Josenildo Campos Brussio, com a colaboração de Daciléia Lima Ferreira, Sylvana Kelly Marques da Silva, Tatiana Colasante, Daline da Costa Brito, Antônia Cléia Pereira dos Santos, Dineibergue Viana de Sousa e Gláucia Maria da Conceição Moraes.

Dessa forma, a cada descrição dos alimentos, acompanhado das narrativas orais do preparo destes pratos típicos, percebe-se a forte relação entre os quilombolas e o meio ambiente (natureza) e o quanto os seus discursos orais estão permeados de simbolismos e representações de suas práticas culturais e marcas identitárias (HALL, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nos trouxe perspectivas para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA, mais especificamente na Vila das Almas, sua maior comunidade. Ficou demonstrado um potencial turístico de base comunitária a partir das práticas culturais (lendas, culinária, artesanato, danças), apontado pelos pesquisadores ao presenciarem a participação dos moradores do quilombo na execução das atividades.

Foram apresentados diversos saberes tradicionais quilombolas entre os quais podemos destacar: a culinária do quilombo (com diversos pratos típicos), o artesanato (bio-bijouterias, pinturas em capembas de babaçu, mini-tambores feitos de sapucaia), as danças tradicionais (tambor de crioula e maculêlê) e os mitos e lendas (lenda do João Velho).

Outro ponto de destaque para o desenvolvimento turístico do quilombo é a diversidade de produtos artesanais produzidos pelos moradores da comunidade. Na visita do dia 12 de abril, a equipe de pesquisadores foi surpreendida com uma exposição de artesanatos (bio-bijouterias, pinturas em capembas de babaçu, mini-tambores feitos de sapucaia) e danças tradicionais do quilombo (tambor de crioula e maculêlê).

Entendemos que o olhar científico para esses aspectos culturais do quilombo (lendas, culinária, artesanato, danças) pode nos ajudar a pensar um planejamento turístico específico para o quilombo Saco das Almas, com base em turismo rural, sustentável e participativo para a comunidade em geral.

Sem dúvidas, seria de grande valia contar com o apoio do poder público e/ou privado em investimentos para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no Quilombo Saco das Almas, mas enquanto isso não acontece, os pesquisadores do GEPEMADEC, da Universidade Federal do Maranhão, do Campus de São Bernardo, têm realizado diversos projetos de pesquisa e extensão que auxiliam a comunidade quilombola na conscientização e dinâmica da economia criativa, da importância da produção cultural local e preservação e conservação destes saberes locais como possibilidades de um desenvolvimento de TBC em um futuro breve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES, Genny Magna de Jesus Mota. *Pretos, pardos e agregados em Saco das Almas*. Salvador/BA: UFBA, 2002. (Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais).

BRAYNER, Natália Guerra. *Patrimônio cultural imaterial: para saber mais*. Brasília/DF: IPHAN, 2007.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. *Patrimônio imaterial no Brasil*. Brasília: UNESCO; EDUCARTE, 2008.

DIAS, Reinaldo. *Turismo e patrimônio cultural – recursos que acompanham o crescimento das cidades*. São Paulo: Saraiva, 2006.

FABRINO, Nathália Hallack, COSTA, H. A., & NASCIMENTO, E. P. do. Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. In: *Caderno Virtual de Turismo*, v. 16, n. 3, p. 172 – 190, dez., 2016.

FERREIRA, Daciléia Lima. *Memória e identidade na Saco das Almas: um estudo sobre o trabalho da Pastoral Afro-brasileira no Quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA*. São Bernardo/MA: EdUFMA, 2018.

FERREIRA, Daciléia Lima et al. A Culinária do quilombo Saco das Almas: perdas e danos do patrimônio cultural. In: *Revista Kwanissa*. São Luís: UFMA, n. 3, p. 4-23, jan/jun, 2019.

FERREIRA, Daciléia Lima; CARVALHO, Conceição de Maria Belfort de; BRUSSIO, Josenildo Campos. Da África ao Brasil: o sagrado e o profano no Tambor de Crioula no Maranhão. In: *Revista Labirinto (UNIR)*, n.1, v. 31, p. 144-159, jul/dez, 2019.

GRACIANO, Pollyana Fraga; HOLANDA, Luciana Araújo de. Análise bibliométrica da produção científica sobre turismo de base comunitária de 2013 a 2018. In: *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, RBTUR, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 161 – 179, jan./abr., 2020.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 1996.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Da internet:

“Biojoias: uma tendência que veio para ficar”. UFMA, 2011, <https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=10430> [consultado em 26-08-2020]

"Capemba", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/capemba> [consultado em 28-08-2020].

“*Marcha das Margaridas*”, Agência Brasil, 2020, <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-08/brasil-recebe-6a-marcha-das-margaridas> [consultado em 29-05-2020].